

ARTIGO

Contribuições da sociomaterialidade aos estudos organizacionais baseados na teoria do agir comunicativo: possibilidades de diálogos entre Jürgen Habermas e Karen Barad

ANA ELIZA FERREIRA ALVIM DA SILVA ¹

ELIZA PINTO NARCISO SALTARELLI ²

VALDERÍ DE CASTRO ALCÂNTARA ³

MOZAR JOSÉ DE BRITO ⁴

¹ DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO / UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA), LAVRAS – MG, BRASIL

² DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS / UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI (UFSJ),
SÃO JOÃO DEL-REI – MG, BRASIL

³ DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG), BELO HORIZONTE – MG, BRASIL

⁴ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO / UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (PPGA/UFLA), LAVRAS – MG, BRASIL

Resumo

A proposta deste ensaio é identificar as possíveis contribuições de uma perspectiva teórica baseada na sociomaterialidade para os estudos organizacionais que se apoiam em conceitos habermasianos. Especificamente, contrastamos o Novo Materialismo de Barad com os conceitos habermasianos mais recorrentes nos estudos organizacionais: agir comunicativo, esfera pública, mundos da vida e do sistema. Identificamos os pontos em que a obra teórica de Habermas fica aberta ao diálogo com a perspectiva sociomaterial, e estruturamos um quadro com os principais pontos de aproximação e distanciamento entre as propostas de Habermas e Barad, especificando as possibilidades de integração em pesquisas no âmbito dos Estudos Organizacionais. As análises desenvolvidas indicam a possibilidade de incorporação de perspectivas sociomateriais aos estudos empíricos baseados na Teoria do Agir Comunicativo e em suas principais ideias correlatas.

Palavras-chave: Sociomaterial. Ontologia. Ação comunicativa. Estudos organizacionais.

Contributions of sociomateriality to organizational studies based on the theory of communicative action: Possibilities for dialogues between Jürgen Habermas and Karen Barad

Abstract

This essay aims to identify the potential contribution that a theoretical perspective based on sociomateriality can offer to organizational studies based on Jürgen Habermas' concepts. We work specifically with one of the theoretical strands that contemplate sociomateriality – New Materialism based on Barad – and with the most recurrent Habermasian concepts, such as communicative action, the public sphere, worlds of life, and the system. We identify that Habermas' theoretical work is open to dialogue with the sociomaterial perspective and outline a framework highlighting the main points of convergence and divergence between Habermas and Barad's proposals, specifying the possibilities for integration. Overall, the analyses argue that it is possible to incorporate sociomaterial perspectives into empirical studies involving the Theory of Communicative Action and the main related ideas.

Keywords: Sociomaterial. Ontology. Communicative action. Organizational studies.

Aportes de la sociomaterialidad a los estudios organizacionales basados en la teoría de la acción comunicativa: posibilidades de diálogo entre Jürgen Habermas y Karen Barad

Resumen

El propósito de este ensayo es identificar las posibles contribuciones de una perspectiva teórica basada en la sociomaterialidad a los estudios organizacionales que se basan en los conceptos de Habermas. Especificamente, contrastamos el Nuevo Materialismo de Barad con los conceptos habermasianos más recurrentes en los estudios organizacionales: acción comunicativa, esfera pública y los mundos de la vida y del sistema. Identificamos los puntos en los que la obra teórica de Habermas se abre al diálogo con la perspectiva sociomaterial y estructuramos un marco con los principales puntos de aproximación y distanciamento entre las propuestas de Habermas y Barad, especificando las posibilidades de integración en la investigación en el ámbito de los Estudios Organizacionales. Los análisis desarrollados indican la posibilidad de incorporar perspectivas sociomateriales en los estudios empíricos basados en la teoría de la acción comunicativa y en sus principales ideas relacionadas.

Palabras clave: Sociomaterial. Ontología. Acción comunicativa. Estudios organizacionales.

INTRODUÇÃO

Considerando a emergência de perspectivas teóricas sociomateriais para o embasamento ontológico e epistemológico de pesquisas qualitativas alternativas ao realismo e ao construtivismo, este ensaio teórico investiga as possíveis contribuições da sociomaterialidade para os estudos das áreas das Ciências Sociais e Organizacionais apoiados na Teoria do Agir Comunicativo (TAC), de Habermas (2012a; 2012b). Trabalhamos especificamente com uma das vertentes teóricas que contemplam a sociomaterialidade: o Novo Materialismo, de Barad. Nosso desafio é verificar a possibilidade de cooperação entre as duas concepções ou, de outra forma, verificar como a proposta da sociomaterialidade de Barad pode contribuir com os estudos sociais e organizacionais habermasianos.

A sociomaterialidade privilegia em suas análises os elementos materiais e não humanos, como animais, memórias, intenções, tecnologias, bactérias, móveis, produtos químicos, plantas etc., bem como a interação e as influências entre humanos e elementos não humanos que originam o “social” (Fenwick, 2010). No caso do Novo Materialismo, pautado na ontologia do realismo agencial, a agência não se deve exclusivamente à ação humana, mas às redes ou conjuntos relacionais de humanos e não humanos, que afetam os diferentes níveis de contextos de ação e são afetados por eles, com consequências para estruturas materiais e culturais.

A ideia de uma imbricação necessária entre elementos materiais e não materiais, humanos e não humanos pode trazer um diferencial para as pesquisas em áreas diversas das Ciências Sociais, pois reconhece a materialidade como parte constitutiva dos processos sociais, alterando as formas como eles se desenvolvem e as produções que geram. Considerando a crescente utilização das propostas teóricas de Habermas, especialmente a TAC, nas pesquisas do campo da Administração, da Administração Pública e dos Estudos Organizacionais (Burrell, 1994; Kelly, 2004; Lara & Vizeu, 2019; Paula, 2015; Tenório, 1998; Vizeu, 2005), este artigo investiga as possibilidades de contribuição da sociomaterialidade para tais estudos. A proposição do autor alemão relacionada ao agir comunicativo, embora não negue a presença da materialidade, concentra-se nas observações da dialogicidade, do debate, da busca do entendimento e do consenso, atribuindo proeminência à racionalidade e, conseqüentemente, ao ator humano.

A proposta deste ensaio teórico é identificar as possíveis contribuições de uma perspectiva teórica baseada na sociomaterialidade aos estudos organizacionais apoiados em conceitos de Habermas. Trabalhamos com o Novo Materialismo, com base em Barad, que contempla a sociomaterialidade, e com os conceitos habermasianos mais recorrentes, como o agir comunicativo, a esfera pública e os mundos da vida e do sistema.

Nosso percurso teórico destaca os pontos de contato possíveis entre o Novo Materialismo (como ontologia que inclui a sociomaterialidade) e os principais conceitos de Habermas (notadamente a TAC), formando um quadro interativo. Primeiramente, apresentamos a teoria do Novo Materialismo e as principais considerações de Barad sobre o tema. Em seguida, discutimos as principais proposições de Habermas em sua obra *Teoria do Agir Comunicativo*. Consideramos também as asserções de outros autores que trataram conjuntamente de referenciais habermasianos e sociomateriais. Identificamos, assim, os pontos de contato e de afastamento entre as duas teorias. Na sequência, articulamos uma proposta em que a sociomaterialidade pode ser incluída nos estudos organizacionais habermasianos.

A proposta não tem por objetivo ser conclusiva. Como considera Meneghetti (2011) sobre a especificidade do ensaio teórico, não intentamos alcançar nenhuma verdade acabada. O resultado esperado do estudo é motivar novas reflexões em torno do tema e fomentar diálogos reconstrutivos (Paula, 2015), como o proposto por Andrade, Alcântara e Pereira (2019) entre Habermas e Freire. Como processo de aprendizagem que visa superar as incompletudes (Paula, 2015), consideramos as convergências e as complementaridades, sem ignorar as diferenças, incluindo as inconciliáveis, também existentes.

O NOVO MATERIALISMO

O Novo Materialismo é um campo de estudos das práticas sociais e materiais que tem como fundamentação o pensamento pós-estruturalista, o feminismo, o culturalismo e teorias do materialismo histórico. Considera as relações complexas advindas das agências humanas e não humanas, e compreende que a formação do cotidiano inclui a materialidade (Costa & Funck, 2017; Fox & Alldred, 2015; Moura, 2016; Scott, Martin & Schouten, 2014).

Moura (2016), apresenta as semelhanças entre diferentes abordagens sociomateriais:

(1) as práticas cotidianas são construídas e modificadas a partir da interação dinâmica entre a atividade humana e os elementos não humanos; (2) todos os elementos materiais, ou melhor dizendo, sociomateriais, são de fato uma união heterogênea, constituída por elementos técnicos, naturais e cognitivos; (3) todas as coisas (humanos e não humanos, híbridos e separados, conhecimento e sistemas) são visualizados como efeitos de conexões e atividades, tudo é realizado a partir da existência de uma “teia” de relações. (Moura, 2016, p. 40).

As abordagens sociomateriais apresentadas por Moura (2016) são o Novo Materialismo, as teorias Ator-Rede, da Atividade Histórico-Cultural, da Complexidade, da Espacialidade, entre outras. Para as reflexões sobre a sociomaterialidade, este artigo adota o Novo Materialismo de Barad, o mais proeminente dessa perspectiva de estudo (Hein, 2016).

Fox e Alldred (2015) afirmam que o Novo Materialismo emergiu nos últimos 20 anos como uma abordagem fundamentalmente voltada para o funcionamento material do poder, com ênfase na produção social, e não na construção social. De forma semelhante, Costa e Funck (2017, p. 904) afirmam que “[...] o Novo Materialismo aponta para a necessidade de se efetuar um deslocamento político e epistemológico do humano (e da racionalidade eurocêntrica) para o pós-humano”, e consideram as contribuições das novas abordagens como contribuição para uma mudança ontológica pautada em diferentes perspectivas “sobre uma realidade objetiva e universal para um reconhecimento de múltiplos mundos/realidades” (Costa & Funck, 2017, p. 904).

Scott, Martin e Schouten (2014), citando Dolphijn e van Der Tuin (2012), caracterizam o Novo Materialismo como uma teoria cultural que não privilegia o significado em detrimento da matéria, ou a cultura em detrimento da natureza. Busca transpor dualidades como assunto e significado, natureza e cultura, sujeito e objeto, e considera esses polos como partes constitutivas de um complexo tecido. Promove, ainda, uma concepção de agência que não se limita à ação humana. O Novo Materialismo opera, assim, uma mudança de foco da investigação social, passando de uma abordagem exclusivamente baseada em humanos para a compreender como as redes ou conjuntos relacionais afetam-se e são afetados, em nível material/cultural, no micro/meso/macro, explorando os movimentos de territorialização e desterritorialização, agregação e desagregação, bem como as consequências que esses movimentos revelam (Costa & Funck, 2017; Fox & Alldred, 2015; Hein, 2016; Moura, 2016).

Epistemologicamente, os princípios fundamentais do Novo Materialismo são: a atenção meticulosa à agência material e suas influências sobre a ação humana; o foco primário nas relações entre atores de qualquer grupo; e as questões de matéria e significado que essas relações produzem (Fox & Alldred, 2015; Scott, Martin & Schouten, 2014). Essas questões são acompanhadas pelo anseio de “[...] revolucionar as teorias feministas, os campos disciplinares e, principalmente, os limites da perversa dicotomia do humano e não humano, instituidora da modernidade ocidental e constitutiva da colonialidade do poder” (Costa & Funck, 2017, p. 904).

As ontologias materialistas atribuem à materialidade um sentido relacional e emergente, estendendo seu foco para questões diversas que vão desde a globalização até as discussões sobre identidade (Fox & Alldred, 2015). Os autores consideram ainda que Barad (2003, 2007, 2014) combate o dualismo entre natureza e cultura ao afirmar que a construção não nega a materialidade.

A PERSPECTIVA DE BARAD

Barad (2007) explicita o *agential realism* (doravante realismo agencial) fundamentado em uma filosofia de transcendência e identidade, chamado também de realismo agressivo (Hein, 2016). O realismo agencial é:

[...] um arcabouço epistemológico e ontológico que transcende muitas das oposições consolidadas que permeiam os debates tradicionais entre realismo e construtivismo, agência e estrutura, idealismo e materialismo, bem como pós-estruturalismo e marxismo. Ao reformular a noção de agência e analisar a natureza produtiva, limitadora e excludente das práticas culturais naturais — incluindo seu papel fundamental na materialização de todos os corpos —, o realismo agencial supera as teorias da performatividade que se restringem exclusivamente ao domínio humano e social. O realismo agencial reconhece que as forças envolvidas na materialização dos corpos não são apenas sociais e que os corpos produzidos não são exclusivamente humanos. Além disso, oferece uma forma de incorporar as restrições e condições materiais, bem como as dimensões materiais da agência, nas análises pós-estruturalistas.” (Barad, 2007, p. 225, tradução nossa).

Portanto, Barad resume o Novo Materialismo nos seguintes termos: um emaranhado entre a matéria e o social que nega os dualismos modernos — natureza e cultura; sujeito e objeto; fatos e interesses; entre outros (Scott, Martin & Schouten, 2014). Assim, ele abrange as dimensões epistemológicas, ontológicas e éticas, e suplanta os dualismos, incluindo a dicotomia entre o material e o discursivo (Costa & Funck, 2017; Fox & Alldred, 2015; Hein, 2016; Scott, Martin & Schouten, 2014). De tal modo, a materialidade não é vista como um efeito ou consequência de práticas discursivas, mas sim como fruto da implicação mútua entre o material e ações discursivas (Barad, 2007).

Com a superação do privilégio de considerações discursivas sobre as considerações materiais, Barad (2007) discute o papel da textualidade e da linguagem na determinação do real. Ela afirma que estamos, inevitavelmente, ligados à esfera da linguagem, e que o material está completamente imbricado com o linguístico e o discursivo, ou seja, a relação entre o material e o discursivo é um vínculo mútuo (Hein, 2016).

Conforme Barad, há três conceitos importantes para entender o Novo Materialismo: (a) matéria, (b) intra-ação e (c) agência.

A matéria — a substância, os fenômenos, a diferenciação — é parte da esfera da transcendência. Essa concepção não está relacionada a uma propriedade ou substância fixa de objetos independentes, mas diz respeito à substância no seu desenvolvimento intra-ativo, ou seja, a matéria não é uma coisa, mas uma ação, sendo ela produzida e produtiva (Barad, 2007). A matéria não se refere a uma propriedade inerente e fixa de objetos abstratos, independentemente existente; em vez disso, refere-se a fenômenos em sua materialização contínua (Barad, 2007; Hein, 2016).

Os fenômenos são as unidades de matéria de menor escala, comparadas a átomos, ou unidades fundamentais da realidade, unidades ontológicas primárias, importantes para o processo de intra-atividade contínua (Barad, 2003, 2007; Hein, 2016). Barad (2007, p. 36), define fenômenos ontologicamente como “[...] a inseparabilidade ontológica de componentes agencialmente intra-atuantes”. As mudanças na matéria trazem mudanças de significado, e vice-versa, e tudo isso ocorre em sistemas altamente emaranhados, ou, nos termos de Barad (2007), intra-ativos (Scott, Martin & Schouten, 2014).

O conceito de intra-ação de Barad (2007) é relativo à redução das dicotomias. É por meio das intra-ações de agências específicas que os limites e as propriedades dos “componentes” dos fenômenos tornam-se determinados, e seus conceitos, em particular, tornam-se significativos. Em outras palavras, refere-se a relações não preexistentes, mas que emergem em meio aos fenômenos por meio das intra-ações específicas. Assim, a noção de intra-ações constitui uma reformulação da tradicional noção de causalidade para a constituição mútua das agências emaranhadas (Barad, 2003).

A concepção de agência de Barad (2007) mantém uma estreita relação com a de intra-ação. Para o realismo agencial, a agência não se limita aos seres humanos, nem é simplesmente expandida para incluir não humanos ou outras formas de agência entre elementos humanos e não humanos. O humano e o não humano são vistos como não fixos, de modo que a agência engloba todas as possibilidades de reconfiguração da materialidade dessas e de outras formas (Hein, 2016).

Portanto, o Novo Materialismo, segundo o realismo agencial de Barad (2007), está fundamentado na constituição mútua das agências emaranhadas por meio da intra-ação. Sua concepção abre novas perspectivas para os estudos do campo organizacional fundamentados nas propostas teóricas de Habermas, especialmente sobre os conceitos de esfera pública e agir comunicativo. Nesse contexto, a seguinte questão se interpõe: quais são as possíveis interfaces entre uma perspectiva sociomaterial e o pensamento habermasiano?

HABERMAS E A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO

De acordo com Andrews (2011), os ensaios de Habermas desenvolvidos desde a década de 1960 são movidos pelo ideal de uma teoria crítica da sociedade que busca apresentar saídas para a emancipação. A “virada linguística”, entre outros elementos, distingue-o de outros teóricos da Escola de Frankfurt (Andrews, 2011).

Apesar das críticas às suas proposições, o pensamento de Habermas tem exercido influência sobre diferentes áreas do conhecimento (Elder-Vass, 2017). Sua obra é extensa e, devido ao propósito deste artigo, destacamos, além da Teoria do Agir Comunicativo (TAC), suas asserções sobre a esfera pública e sobre a sociedade como mundo da vida e sistema. Em conjunto, esses últimos elementos são essenciais para o entendimento da TAC, e constituem um *corpus* teórico que subsidia estudos das organizações, especialmente com temas relacionados a democracia deliberativa, esfera pública, comunicação e gestão social (Alcântara & Pereira, 2017; Cançado, Pereira & Tenório, 2013; Lara & Vizeu, 2019).

Para estruturar as noções de mundo da vida e sistema, Habermas (2012a, 2012b) recorre às proposições de Popper sobre os mundos objetivo, subjetivo e social. Ele admite a interação entre os três mundos como base para a constituição social. O mundo objetivo refere-se a tudo o que existe independentemente das interpretações dos indivíduos, é o mundo concreto dos fatos; são estados de coisas materiais que podem ser verificadas no mundo objetivo.

O mundo social contempla as relações e os sistemas de normas que determinam o comportamento individual. Dessa perspectiva, os fatos podem ser julgados e verificados quanto à correção normativa, o atendimento às normas. Os estados subjetivos do indivíduo são contemplados na noção de mundo subjetivo, acessíveis somente ao indivíduo, e permitem a ele julgamentos e avaliações quanto à sinceridade.

Reconhecendo a importância e a interação necessária e contínua entre os três mundos, Habermas (2012a, 2012b) estrutura sua teoria social em torno das ideias de sistema e mundo da vida. O sistema refere-se às esferas institucionais que integram o poder social, como os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, caracterizados pela burocracia, pelo controle financeiro, administrativo e econômico. As ações dos atores nessas instâncias resultam em decisões legislativas, programas políticos, opiniões, medidas, entre outras. No sistema, prevalece uma racionalidade estratégica voltada para fins calculados e para o sucesso instrumental que atende aos interesses próprios dos atores envolvidos, com relações de troca utilitaristas (Habermas, 2012b).

Em torno do sistema está o mundo da vida, onde se dão as interações cotidianas, as relações informais entre as pessoas, e se constitui a esfera pública. O mundo da vida baseia-se na racionalidade comunicativa, tendo em vista o comum acordo, o entendimento e o consenso com base em práticas dialógico-discursivas.

O tratamento contínuo de temas de interesse público pelos diferentes atores sociais, por meio do diálogo constante, da argumentação, das trocas linguísticas, dos fluxos discursivos e da interação, dá origem à esfera pública, conceito amplamente abordado por Habermas (1997). Não se trata de um espaço institucionalizado e concreto, mas de um estado de interlocução entre atores que caminham na busca do entendimento, influenciam na formação da opinião pública e, em certas circunstâncias, podem influir nas decisões do complexo parlamentar. Assim, Habermas define a esfera pública como “[...] um sistema de alarme dotado de sensores não especializados, porém sensíveis no âmbito de toda a sociedade” (Habermas, 2003, p. 91), que identifica os problemas e dramatiza-os, pressionando o complexo parlamentar.

Além disso, Habermas (2003, p. 92) descreve a esfera pública como uma rede para “comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões”, na qual são produzidas as opiniões públicas, pelo uso da linguagem e pelo agir comunicativo. Habermas (2006) reconhece a mídia como um ator que deve justamente absorver as demandas expressas pelos atores centrais — como os políticos, entre outros — e pelos atores de base — sociedade civil, movimentos sociais etc. —, tematizando-as em “[...] notícias, reportagens, comentários, conversas, cenas, imagens, shows e filmes de conteúdo informativo, polêmico, educacional ou de entretenimento” (Habermas, 2006, p. 415).

Habermas (2012a) desenvolve a noção de ação comunicativa que pressupõe o estabelecimento de uma relação pessoal entre ao menos dois sujeitos que falam e agem na busca do entendimento, em situações passíveis de consenso. Nesse modelo, a linguagem assume a posição central. Na ação comunicativa, os sujeitos estão comprometidos com argumentos que buscam a veracidade, a verdade e a correção normativa, por meio da linguagem. Os argumentos criticáveis são sempre provisórios, passíveis de novas interpretações e mobilizados pela busca do entendimento.

Dessa forma, o agir comunicativo é um modo de uso da linguagem nas interações cotidianas pelo qual os participantes de um diálogo exteriorizam, aceitam ou rejeitam pretensões de validade. No entanto, Habermas (2012a) deixa claro que, nas sociedades complexas contemporâneas, pela diversidade de temas em circulação, há uma demanda maior pelo agir comunicativo, pela busca pelo comum acordo. Nessas circunstâncias, considerando-se ser o agir comunicativo um processo prolongado e desafiador, o autor acredita que instrumentos como valores generalizados, a linguagem do direito e as normas sociais também desempenham um papel fundamental na promoção de consensos (Habermas, 1997). Nessa perspectiva, até mesmo o sistema — embora carregue o risco de colonizar o mundo da vida com sua lógica instrumental — pode ser útil para reduzir a complexidade que se teria ao se submeter todas as decisões e atos ao processo da racionalidade comunicativa.

Embora Habermas não tenha tido preocupação em discutir sua posição ontológica — havendo interpretações diferentes por parte dos estudiosos de suas obras, em *A ética da discussão e a questão da verdade* ele se autodetermina: “[...] um realista nas questões epistêmicas e um construtivista nas questões morais” (Habermas, 2007, p. 47), especificando ser “[...] um realista segundo viés pragmático” (Habermas, 2007, p. 47). Ele também se aparta do construtivismo radical ao declarar: “Estou convicto de que, na prática, não podemos nos opor a um mundo objetivo feito de entidades independentes da descrição que fazemos delas” (Habermas, 2007, p. 47). Ou ainda:

Apenas o pressuposto, inerente a tal realismo, de um mundo objetivo intersubjetivamente acessível pode conciliar o primado epistêmico do horizonte do mundo da vida linguisticamente articulado, que não podemos transpor, com o primado ontológico de uma realidade independente da linguagem, que impõe limites às nossas práticas. (Habermas, 2004b, p. 39).

Como avalia Vizeu (2011), Habermas defende a apreensão da realidade humana por meio da linguagem, considerando para isso três esferas ontológicas — as dimensões objetiva, subjetiva e normativa, como explicitado. Aparece aí a noção de uma pluralidade ontológica da natureza humana, ou seja, para ele, uma ação só é racional se fizer sentido para os sujeitos envolvidos, com uma validação no mundo objetivo (dos fatos), subjetivo (dos sentimentos) e normativo (retidão e legitimidade social). Portanto, a argumentação, elemento básico da TAC, para Habermas, deve prover validade nessas três esferas, além de garantir a inteligibilidade do que está sendo dito (Habermas, 2004b; Vizeu, 2011).

Com a apresentação das propostas teóricas de Habermas, avançamos no sentido de refletir sobre as possíveis interfaces entre o pensamento do autor e as perspectivas sociomateriais.

INCURSÕES PRÉVIAS DA MATERIALIDADE NO PENSAMENTO DE HABERMAS

Elder-Vass (2017), autor atento à ontologia do realismo crítico, questiona os conceitos de mundo da vida e sistema propostos por Habermas, chegando a classificar como “funcionalista” a forma como foram dispostos. Reconhece, no entanto, que a proposta habermasiana tem a virtude de levar a uma conclusão otimista, do ponto de vista político, ao considerar as possibilidades de resistência às formas desumanizantes da modernidade por meio da ação comunicativa.

Elder-Vass (2017) aproxima Habermas das discussões da sociomaterialidade ao elaborar uma reflexão que permite pensar os conceitos por uma ótica realista, como mecanismos causais que podem influenciar em diferentes tipos de eventos, independentemente de uma localização excludente em um dos mundos. Por essa ótica, determinados eventos e decisões podem ser influenciados tanto por mecanismos do mundo da vida quanto do sistema (explicações causais multifatoriais). Reposiciona, assim, os elementos mais valiosos das ideias de Habermas em uma estrutura ontológica diferente. Segundo Elder-Vass (2017), trata-se de uma maneira alternativa de pensar a distinção entre os dois mundos. Para isso, ele reflete sobre a possibilidade de atividades que são econômicas, porém não estão submetidas ao capitalismo no mercado (normalmente posicionado por Habermas no sistema).

Grace e Fonseca (2014) introduzem uma perspectiva sociomaterial no pensamento de Habermas ao refletirem sobre as esferas públicas digitais. Retomam a base teórica das esferas públicas e da TAC, diante da sua apropriação pelos estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) digitais, porém, sem a consideração dos aspectos materiais envolvidos. Com base em Paul M. Leonardi, Grace e Fonseca (2014, p. 791) ponderam que a atenção à materialidade como conceito analítico não representa a defesa de uma epistemologia materialista: “Pelo contrário, pouca atenção tem sido dedicada à construção social dos artefatos e à interação constitutiva entre o social e o material, tal como ocorre nas práticas sociomateriais”.

Grace e Fonseca (2014) voltam-se para a esfera pública como campo de conexões discursivas que requerem uma abordagem teórica sensível às práticas de TIC digitais, considerando-se a ideia de constituição mútua do material e do social. Apresentam sua proposição como a possibilidade de uma análise empírica da esfera pública, pela observação da sua estrutura constituinte, indo além das relações intersubjetivas de Habermas.

Esse movimento interno em direção a estruturas contextuais mais amplas representa uma potencialidade da perspectiva sociomaterial na análise das esfera(s) pública(s). Isso se torna especialmente relevante quando contrastado com a teoria normativa de Habermas, uma vez que a multidimensionalidade contextual da perspectiva sociomaterial privilegia investigações empíricas dinâmicas e escaláveis para descrever e analisar estruturas em rede.” (Grace & Fonseca, 2014, p. 794, tradução nossa).

Sobre a interação entre recursos técnicos e sociedade, Mingers e Willcocks (2014) lembram que há diferentes perspectivas teóricas, como a dos “deterministas sociais” e dos “deterministas tecnológicos”. Uma prioriza os aspectos sociais das tecnologias e a influência humana sobre elas. Outra enfatiza as restrições que as tecnologias impõem ao social. Entretanto, numa terceira linha de abordagem, estão aqueles que defendem a influência mútua entre tecnologias e social ou, ainda, consideram uma imbricação necessária entre social e material.

Com os estudos citados, vê-se já iniciada a tarefa de tecer ligações entre os conceitos de Habermas e a abordagem sociomaterialista. A partir de então, podemos destacar diretamente na obra do autor alguns trechos sugestivos para a discussão da questão material, embora ele não conceba diretamente essa discussão, sobretudo na TAC.

Mediação de tecnologias

A princípio, conjectura-se que a materialidade está presente em Habermas apenas no aspecto material da própria linguagem. Contudo, o processo argumentativo da TAC também pode se dar entre os falantes mediado por tecnologias materiais, capazes de influenciar (restringindo ou impulsionando) os resultados da busca pelo consenso. O reconhecimento de Habermas (2012a, 2012b) da função da mídia, e sua materialidade específica, nas discussões da esfera pública merece ser contemplada.

Habermas (2012a) enfatiza a necessidade de técnicas de comunicação na publicização dos conteúdos das conversações — “[...] rede virtualmente presente de conteúdos comunicativos, que podem estar distanciados no espaço e no tempo, mas precisam estar acessíveis” (Habermas, 2012a, p. 332). Ele afirma que a imprensa e os meios eletrônicos de comunicação, os quais compõem claramente um cenário material, permitem disponibilizar os atos de fala para um número ilimitado de contextos, efetuando assim um “destravamento do agir comunicativo”.

Os três mundos, mundo da vida e sistema e a situação da ação

Em sua obra *Teoria do Agir Comunicativo*, Habermas (2012a) defende que os atos de fala têm referentes simultâneos nos mundos objetivo, subjetivo e social, tratados por Karl Popper. Tendo em vista o consenso, os participantes da comunicação devem reconhecer intersubjetivamente as pretensões de validade referentes aos três mundos: “Os falantes e ouvintes utilizam os sistemas de referência dos três mundos como uma moldura no interior da qual tecem e interpretam definições comuns em relação à situação de sua ação” (Habermas, 2012a, p. 221). Muito embora não coincidam exatamente com o sentido da sociomaterialidade de Barad (2007, 2014), as acepções dos mundos objetivo, subjetivo e social pressupõem a materialidade.

Habermas (2012a) considera como pano de fundo de uma manifestação comunicativa uma “situação da ação” que engloba os três mundos. Assim, dá o exemplo dos operários em um canteiro de obra discutindo se o recém-chegado é quem deve ir ao quiosque buscar cerveja na hora do intervalo. Nas hipóteses levantadas, ao analisar a situação, fica claro que elementos do mundo objetivo (e material), como a distância do quiosque e o fato de o novato não ter carro, podem interferir diretamente na busca do consenso. Podemos entender, então, que algo no mundo objetivo pode interferir diretamente nos rumos da interação.

As situações de ação que compõem o pano de fundo da comunicação e envolvem os três mundos não são fixas. Elas fazem parte de um horizonte móvel, constituem um recorte no mundo da vida no qual aspectos materiais estão mesclados a aspectos sociais e subjetivos e contextualizam os entendimentos. Habermas (2012a, p. 226) designa “componentes da situação” uma seleção de aspectos relevantes para a situação que contextualizam o agir orientado para o entendimento. Podemos inferir a materialidade do horizonte interacional, muito embora o autor não considere essa noção de agência.

A definição de mundo objetivo aponta para a compreensão de um elemento fortemente marcado pela materialidade. Habermas (2014, p. 360), ao explicar sobre as pretensões de verdade das exteriorizações, remete a um estado de coisas já dado ou existente, “[...] o mundo como totalidade dos objetos sobre os quais podemos enunciar fatos”.

O conceito de mundo objetivo abrange tudo o que os sujeitos, dotados de capacidade de fala e de ação, independentemente de suas intervenções, “não fazem eles próprios”, de forma que podem referir-se a objetos, que, mesmo quando submetidos a diferentes descrições, podem ser identificados com os mesmos objetos (Habermas, 2014, p. 360).

O conceito de mundo social, criado pelos atores humanos, reporta-se à interação dos sujeitos com o mundo objetivo, originando, por exemplo, a legislação, na qual também se detectam traços da materialidade. Assim, podemos conceber a constituição do mundo da vida pela interação entre os três mundos, permeada por elementos materiais. A própria concepção de sistema regido por uma racionalidade teleológica, interativamente com o mundo social, implica a admissão da materialidade, já que no sistema se materializam os processos burocráticos, o protagonismo do dinheiro, das estruturas de governo etc.

Podemos destacar também, na obra *Pensamento pós-metafísico*, as reflexões de Habermas (2004a) sobre os componentes do mundo da vida, seu entrosamento e constituição mútua: cultura, sociedade e personalidade. Portanto, é possível conceber a relevância de elementos discursivos e materiais.

A racionalidade e o ator humano

Na TAC, o papel humano é predominante devido à sua racionalidade. Essa faculdade humana permite o agenciamento das pretensões de validade, a contestação das pretensões apresentadas por outros atores humanos e o desenvolvimento voltado à busca pelo entendimento e pelo consenso. Em certos trechos, o autor concebe o ser humano como fruto de interações: “Ator como iniciador de ações imputáveis e produto de tradições nas quais se encontra, de grupos solidários a que pertence e de socialização aos quais está submetido” (Habermas, 2012a, p. 270). Assim, adverte que o controle sobre as situações por parte dos atores “jamais é absoluto”.

Apesar dos dissensos, há pistas na obra do autor que permitem o olhar sociomaterial sobre suas proposições.

DIÁLOGO POSSÍVEL? APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE HABERMAS E BARAD

Diante do exposto, organizamos e compilamos no Quadro 1 os pontos de aproximação, distanciamento e integração possíveis entre o Novo Materialismo de Barad e pesquisas de referencial habermasiano.

Quadro 1
Diálogos entre a abordagem do Novo Materialismo (de Barad) e a abordagem habermasiana

Quesito	Diálogos (aproximações e distanciamentos)	Interações possíveis
Principais conceitos	Por meio da TAC, Habermas defende o processo dialógico intersubjetivo em uma comunidade de intérpretes em busca do melhor argumento, enquanto Barad, com o Novo Materialismo, considera que a intração pode acontecer entre elementos humanos e não humanos via constituição de agências altamente emaranhadas.	• Pode-se conciliar o objetivo das teorias ao considerar-se a possibilidade de interação entre atores envolvidos (humanos e não humanos) e suas influências mútuas, levando em consideração a intersubjetividade e a interobjetividade, conforme Latour (2005). Isso conduz, portanto, às possibilidades da adoção de uma perspectiva da agência não humana nas pesquisas de base teórica habermasiana, e de uma perspectiva de intersubjetividade nas análises do Novo Materialismo.
Ontologia	Ambos os autores evitam ontologias usuais, principalmente o construcionismo (radical) e o realismo reducionista. Coincidem na inclusão, em suas análises, da dimensão objetiva e de seus elementos materiais, embora em Habermas esse não seja um tema central, mas esteja disperso nas concepções dos mundos objetivo e social, nos componentes cultural e social e nas pretensões de validade, verdade e correção normativa.	
Dicotomia	Rompimento com as dicotomias. Habermas compreende a sociedade por meio das racionalidades que coordenam as ações. Barad apreende a sociedade por meio da atuação da agência, conceito que supera a ideia fixa do humano, e abrange não humanos, elementos materiais e não materiais. Entretanto, em Habermas, a agência predomina no humano. O autor não concebe diretamente a agência de elementos não humanos nem apresenta uma concepção da matéria semelhante à de Barad.	• Avaliar os aspectos sociomateriais na constituição dos mundos da vida e do sistema de Habermas, especialmente em suas discussões sobre a esfera pública e a comunicação mediada por tecnologias.
Cotidiano	No Novo Materialismo, a formação do cotidiano só é possível por meio da materialidade. Em Habermas, o cotidiano é marcado pelas relações no mundo da vida, com predominância dos fluxos comunicativos, o que não exclui a presença da materialidade, presente nos componentes do mundo da vida: cultura, personalidade e sociedade.	• Considerar a participação dos aspectos socio-materiais e intersubjetivos conjuntamente aos processos de transformação social decorrentes da ação comunicativa sobre os componentes cultural, social e de personalidade.
Dinâmicas de transformação social	Habermas e Barad concebem movimentos de interação e transformação da sociedade. Em Barad, eles ocorrem pelas redes relacionais de humanos e não humanos, materiais e não materiais. Já em Habermas as transformações decorrem da interação entre os componentes do mundo da vida, com destaque para a busca do entendimento intersubjetivo. Essa abordagem, entretanto, induz à ponderação acerca da limitação da ação dos elementos não humanos e materiais sobre os processos intersubjetivos.	• Acrescentar à proposta do Novo Materialismo discussões sobre a delimitação do contexto sócio-histórico.
Linguagem	No Novo Materialismo, o material e o discursivo estão mutuamente implicados em um processo de ação intra-ação. Em Habermas, a linguagem ocupa um lugar central nas situações de ação comunicativa. O autor considera a materialidade envolvida nos fluxos comunicativos, incluindo menções à mídia e aos espaços públicos.	
Análise contextual	Barad não tematiza explicitamente o contexto e as situações sócio-históricas. Habermas já considera o pano de fundo do mundo da vida e as situações de ação.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O Quadro 1, no geral, apresenta pontos de convergência das perspectivas sociomateriais e dos estudos empíricos baseados na TAC e as principais ideias correlatas no âmbito dos Estudos Organizacionais. Contudo, nos termos de Paula (2015), para uma boa interação das teorias, devemos considerar também os distanciamentos entre elas e adotar uma postura de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o principal objetivo deste trabalho - o de identificar pontos de distanciamento e de aproximação entre o Novo Materialismo e estudos baseados na TAC -, realizou-se, primeiramente, uma breve revisão bibliográfica das duas abordagens, com foco em seus principais conceitos, teorias e métodos. A revisão identificou o Novo Materialismo como uma das perspectivas que abriga a sociomaterialidade, com foco nas relações existentes entre os elementos humanos e não humanos, a partir dos estudos de Barad. Relativamente à base teórica habermasiana, observamos a importância dos conceitos de esfera pública, mundo da vida e sistema para a compreensão da TAC.

Identificamos, também, na literatura, autores e trabalhos que fizeram outras incursões à proposta de relacionar a sociomaterialidade e as ideias de Habermas. Elder-Vass (2017), por exemplo, relacionou os conceitos do autor com os mecanismos causais em uma ontologia realista crítica. Os estudos sobre esferas públicas digitais de Grace e Fonseca (2014), e sobre o desenvolvimento de tecnologias, recursos técnicos e sociedade, de Mingers e Willcocks (2014), são também exemplos desses relacionamentos teóricos.

O reconhecimento das interfaces entre as abordagens do Novo Materialismo e os principais conceitos da TAC sugere a possibilidade de integração — até então pouco explorada — dos aspectos sociomateriais a essa teoria pela via da discussão das relações entre os elementos materiais e os elementos humanos na constituição do mundo da vida e do sistema.

Apontamos, com Habermas (1993, p. 112), uma discussão que tornou “[...] reconhecível o que é comum, mas deix[ou] ao outro a sua alteridade”, especialmente em temas em que a divergência se faz mais profunda, a saber: (a) a TAC é indiscutivelmente focada no humano e na sua racionalidade; (b) em nenhuma passagem a perspectiva habermasiana indica o imbricamento (que não é apenas relação) entre o social e o material; (c) Barad concebe uma visão de agência mais ampla, incluindo os atores não humanos — que não é concebida por Habermas; (d) Habermas herda algumas das dicotomias modernas, enquanto Barad visa superá-las de forma incisiva.

O presente ensaio teórico tem como resultado esperado motivar novas reflexões acerca de ambas as perspectivas aqui abordadas, e que explorem os limites e as possibilidades das suas articulações e se valham dos resultados aqui alcançados. Assim, ao apresentar as convergências e as divergências entre as proposições do Novo Materialismo e o pensamento habermasiano, reconhecemos as suas limitações e as dificuldades que podem emergir da operacionalização da proposta. Há, portanto, o que ainda está para ser explorado como possibilidade de análise do mundo sociomaterial sob a perspectiva dos estudos organizacionais. Portanto, estimulamos novas discussões que explorem outras vias e relações entre os estudos organizacionais e a perspectiva habermasiana. Nosso compromisso neste trabalho é com o entendimento dessas possibilidades, por meio da dialogicidade e reflexividade.

Por fim, propomos uma nova agenda de pesquisa, objetivando diálogos cooperativos. O reconhecimento da sociomaterialidade presente em casos de gestão social, democracia deliberativa, análise de manutenção e emergência de esferas públicas (sobretudo com o advento das tecnologias e redes sociais), das relações de trabalho nas organizações, entre outros, confirmaria a integração teórica aqui proposta. Em todo caso, o desafiante diálogo, para os estudos organizacionais, entre o discursivo e o material, entre Habermas e Barad, está mobilizado, e já nos parece um pouco menos desafiador do que o imaginado *a priori*.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, V. C., & Pereira, J. R. (2017). O *locus* da gestão social no contexto das inter-relações e tensões entre mundo-da-vida (*lebenswelt*) e sistema (*system*). *Organização & Sociedade*, 24(82), 412–431. <https://doi.org/10.1590/1984-9240823>
- Andrade, L. F. S., Alcântara, V. C., & Pereira, J. R. (2019). Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os Estudos Organizacionais. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(01), 12–24. <https://doi.org/10.1590/1679-395164054>
- Andrews, C. (2011). *Emancipação e Legitimidade: uma introdução à obra de Jürgen Habermas*. Editora Unifesp.
- Barad, K. (2003). Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 28(3), 801–831. <https://doi.org/10.14361/9783839403365-008>
- Barad, K. (2007). *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Duke university Press.
- Barad, K. (2014). Diffracting diffraction: Cutting together-apart. *Parallax*, 20(3), 168–187. <https://doi.org/10.1080/13534645.2014.927623>
- Burrell, G. (1994). Modernism, postmodernism and organizational analysis 4: The contribution of Jürgen Habermas. *Organization Studies*, 15(1), 01–19. Recuperado de <https://wrap.warwick.ac.uk/20125/>
- Cançado, A. C., Pereira, J. R., & Tenório, F. G. (2013). *Gestão Social: epistemologia de um paradigma*. Editora CVR.
- Costa, C. L., Funck, S. B. (2017). O Antropoceno, o pós-humano e o novo materialismo: intervenções feministas. *Estudos Feministas*, 25(2), 903–908. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p903>
- Dolphijn, R., & van der Tuin, I. (2012). *New materialism: interviews & cartographies*. Open Humanities Press. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/303990071_New_Materialism_Interviews_and_Cartographies
- Elder-Vass, D. (2017). Lifeworld and systems in the digital economy. *European Journal of Social Theory*, 21(02), 227–244. <https://eldervass.com/wp-content/uploads/2020/12/Elder-Vass-2018a-Lifeworld-Systems-in-Digital-Economy-EJST-PPV.pdf>
- Fenwick, T. (2010). Re-think the thing: sociomaterial approaches to understanding and researching learning in work. *Journal of Workplace Learning*, 22(1/2), 104–116. <https://doi.org/10.1108/13665621011012898>
- Fox, N. J., & Alldred, P. (2015). New materialist social inquiry: Designs, methods and the research-assemblage. *International Journal of Social Research Methodology*, 18(04), 399–414. <https://doi.org/10.1080/13645579.2014.921458>
- Grace, W. R., & Fonseca, F. (2014). Adopting a sociomaterial perspective for the analysis of digital public spheres. *iConference 2014 Proceedings*. iSchools. Recuperado de <http://hdl.handle.net/2142/47284>
- Habermas, J. (1993). *Passado como futuro*. Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (1997). *Direito e Democracia: entre facticidade e validade* (Vol. 2). Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2003). *Mudança estrutural da esfera pública* (Trad.: F. B. Siebeneichler). Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2004a). *Pensamento pós-metafísico* (Trad.: L. Nahodil). São Paulo: Almedina.
- Habermas, J. (2004b). *Verdade e justificação: ensaios filosóficos* (Trad.: M. C. Mota). Edições Loyola.
- Habermas, J. (2006). Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research. *Communication Theory*, 16(04), 411–426. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2006.00280.x>
- Habermas, J. (2007). *A ética da discussão e a questão da verdade* (Trad.: M. B. Cipolla). Martins Fontes.
- Habermas, J. (2012a). *Teoria do agir comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalização social* (Trad.: P. A. Soethe). Editora WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (2012b). *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Editora WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (2014). *A ética do discurso*. Edições 70.
- Hein, S. F. (2016). The new materialism in qualitative inquiry: How compatible are the philosophies of Barad and Deleuze? *Cultural Studies-Critical Methodologies*, 16(02), 132–140. <https://doi.org/10.1177/1532708616634732>
- Kelly, T. (2004). Unlocking the iron cage: public administration in the deliberative democratic theory of Jürgen Habermas. *Administration & Society*, 36(1), 38–61. <https://doi.org/10.1177/0095399703257268>
- Lara, L. G. A., & Vizeu, F. (2019). O potencial da frankfurtianidade de Habermas em estudos organizacionais. *Cad. EBAPE.BR*, 17(01), 01–11. <https://doi.org/10.1590/1679-395171270>
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: University Press.
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(02), 320–332. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>
- Mingers, J., & Willcocks, L. (2014). An integrative semiotic framework for information systems: the social, personal and material worlds. *Information and Organization*, 24, 48–70. <https://doi.org/10.1016/j.infoandorg.2014.01.002>
- Moura, E. O. (2016). *A textura da gestão escolar como prática sociomaterial*. (Dissertação de Mestrado em Administração), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Recuperado de https://www.academia.edu/93893699/A_textura_da_gest%C3%A3o_escolar_como_pr%C3%A1tica_sociomaterial
- Paula, A. P. P. de. (2015). *Repensando os estudos organizacionais: por uma nova teoria do conhecimento*. Editora FGV.
- Scott, K., Martin, D. M., & Schouten, J. W. (2014). Marketing and the new materialism. *Journal of Macromarketing*, 34(03), 282–290. <https://doi.org/10.1177/0276146714532471>

Tenório, F. G. (1998). Gestão social: uma perspectiva conceitual. *Revista de Administração Pública*, 32(5), 07-23. <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/7754>

Vizeu, F. (2005). Ação comunicativa e estudos organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4), 10–21. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902005000400002>

Vizeu, F. (2011). Uma aproximação entre liderança transformacional e teoria da ação comunicativa. *Revista de Administração da Mackenzie*, 12, p. 53–81. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000100003>

Ana Eliza Ferreira Alvim da Silva
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8602-6946>

Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA/UFLA); Jornalista da UFLA.
E-mail: anaeliza.alvim@ufla.br

Eliza Pinto Narciso Saltarelli
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0538-6139>

Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA/UFLA); Professora-adjunta
do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: elizanarciso@ufs.je.edu.br

Valderi de Castro Alcântara
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6698-0609>

Doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA/UFLA); Professor-adjunto
no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Minas Gerais (CAD/UFMG). E-mail: valderidecastroalcantara@gmail.com

Mozar José de Brito
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9891-9688>

Doutor em Administração pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP); Professor Permanente do Programa
de Pós-Graduação em Administração (PPGA/UFLA); Pesquisador Bolsista do CNPq Nível B. E-mail: mozarjdb@ufla.br e mozarbrito@gmail.com

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ana Eliza Ferreira Alvim Silva: Conceituação (Igual); Análise formal (Igual); Investigação (Igual); Metodologia (Igual); Escrita- rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Liderança).

Eliza Pinto Narciso Saltarelli: Conceituação (Igual); Análise formal (Igual); Investigação (Igual); Metodologia (Igual); Escrita- rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Suporte).

Valderi de Castro Alcântara: Conceituação (Suporte); Curadoria de dados (Suporte); Análise formal (Igual); Investigação (Suporte); Metodologia (Suporte); Validação (Liderança); Visualização (Igual); Escrita- rascunho original (Suporte); Escrita- revisão e edição (Igual).

Mozar José de Brito: Conceituação (Liderança); Curadoria de dados (Liderança); Análise formal (Liderança); Supervisão (Liderança); Validação (Liderança); Visualização (Suporte); Escrita- rascunho original (Suporte).

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pareceristas e revisores pelas contribuições no aperfeiçoamento do manuscrito e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Lavras (UFLA) pela infraestrutura que possibilitou o desenvolvimento do trabalho.

EDITOR-CHEFE

Hélio Arthur Reis Irigaray (Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro / RJ – Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9580-7859>

EDITOR-ADJUNTO

Fabricao Stocker (Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro / RJ – Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6340-9127>

PARECERISTAS

José Luiz Zanette (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Centro de Estudos de Pragmatismo, São Paulo / SP – Brasil).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1792-2020>

Um dos revisores não autorizou a divulgação de sua identidade.

RELATÓRIO DE REVISÃO POR PARES

O relatório de revisão por pares está disponível neste link: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/93585/87501>